

Uma Sessão do Senado do Império: 15 de julho de 1870

Gen Bda Ref
FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINO

Em inúmeras obras, dissertações de professores, ordens do dia do Exército, e outras publicações, temos ouvido e lido referências sobre a ação do Duque de Caxias nos tormentosos anos em que o Brasil se viu a braços com a agressão do tirano do Paraguai — Francisco Solano Lopes, não só à nossa Pátria, como à Argentina e ao Uruguai. As lições da história dessa luta cruenta que, em cinco anos, custou só ao Brasil cem mil mortos, não devem ser esquecidas pela Nação Brasileira.

Segundo Raposo Botelho, eminente historiador português, “a utilidade do estudo da História é, a mais dum título, incontestável, quer por nos apontar exemplos que incitam à prática da virtude, quer por desvendar as trevas do passado, mostrando-nos a vida das gerações que nos precederam, quer ainda por nos guiar sobre a marcha provável dos atuais acontecimentos. Moraliza, ilustra e esclarece”. Por estarmos convictos dessa verdade, é que vamos transcrever, na íntegra e respeitando a ortografia da época, o vigoroso, sereno e magistral discurso do Duque de Caxias, proferido na sessão de 15 de julho de 1870 em que teve, ao peso de seus quase sessenta e sete anos de idade, em cerca de cinquenta anos de integral dedicação ao Brasil e a seu povo, muitos dos quais em ingentes lutas provocadas pela má política reinante no Brasil, em fase várias da vida nacional, e outros nas campanhas externas, e nas quais sempre pôs à prova suas excepcionais qualidades de humanidade, fazendo dos

vencidos nas lutas da guerra seus incondicionais seguidores, convencendo-os de que, acima das paixões dos partidarismos políticos, devem pairar sempre os interesses da pátria e o bem-estar do povo, a oportunidade de confundir seus detra-tores.

Caxias foi, em verdade, o chefe e o artífice máximo em nossa terra, da "Liberdade-Igualdade-Humanidade" — Lema do Pavilhão do Rio Grande do Sul, e que, de fato e de direito, deverá ser o Patrono do Brasil.

Nesse seu admirável discurso, Caxias ao se defender de acusações sem base na verdade dos fatos que lhe foram feitas, prestou contas ao povo brasileiro de sua atuação em um período agitado e tumultuoso da história de nossa pátria. Esse discurso ainda hoje, pela soma de ensinamentos que encerra, exemplificando como deve proceder um chefe militar, ou um líder político, não se pejando, com argumentos dignos, baseados nas leis escritas e na moral, de prestar, da tribuna do Senado, contas à Nação de seu proceder, sem gestos arrogantes de mandonismo ou autoritarismo que degradam seus autores, mas expondo, com largos argumentos, fundamentados nas realidades dos fatos e nas leis, serenos e convincentes, a lisura de seu proceder, convencendo seus gratuitos acusadores da base falsa em que assentavam suas acusações injustas e caluniosas, indica o rumo a seguir por aqueles que sejam alvo da calúnia de acusadores levianos.

Possa o Parlamento Nacional ouvir sempre defesas como a que Caxias, de seus atos e atitudes, fez na memorável sessão de 15 de julho de 1870, é o que espera e merece, com todo o direito, o povo brasileiro, de seus maiores da Política na nossa terra, nos dias de hoje e pelos séculos em fora.

Com a transcrição desse discurso, presta A DEFESA NACIONAL um real serviço aos estudiosos da nossa história, divulgando lições de civismo e de verdadeiro patriotismo, como as que nele nos dá o Senador Duque de Caxias, honrando a farda e dignificando o mandato que lhe outorgou o Rio Grande do Sul, elegendo-o senador do Império, num reconhe-

cimento dignificante ao seu Pacificador, e que pôs termo final, com Honra e Glória, à grande luta dos Farrapos que, por um decênio, ensanguentou a terra da então mais nova Província do Brasil.

SESSÃO EM 15 DE JULHO DE 1870

29.^a sessão

EM 15 DE JULHO DE 1870

Presidência do Sr. Visconde de Abaeté.

SUMMARIO. — Expediente: Offícios do 1.^o secretario da camara dos Srs. deputados, communicando ter a mesma camara approvado um projecto do senado, e remettendo uma proposição. — Officio do presidente da provincia de Sergipe remettendo um exemplar do seu relatorio. — Ordem do dia: Discussão de diversas proposições da camara dos Srs. deputados sobre pensões. — Discussão do voto de graças. — Discursos dos Srs. duque de Caxias e Figueira de Mello.

ORDEM DO DIA

Pensões

Voto de Graças

O SR. DUQUE DE CAXIAS (Atenção): — Não pedi a palavra, Sr. presidente, como era de presumir, para me oppôr a nenhum dos periodos da resposta á falla do throno: voto por todos elles, especialmente por aquelle que contém bem merecidos elogios ao augusto principe que commandou o exercito na ultima phase da guerra. Pedi a palavra, Sr. presidente, para defender-me das innumeradas accusações dirigidas contra mim nesta casa, em minha ausencia, e posto tenha consciencia de que meus generosos amigos responderam victoriosamente a todas ellas, todavia cumpre-me dar algumas explicações relativamente a factos que se passaram comigo e só por mim podem ser explicados. Aproveitarei tambem a occasião de responder ás tres perguntas que me fez o nobre ex-presidente do conselho.

Antes, porém, de tratar destes assumptos, o senado me permitirá que exponha o historico de tudo quanto se passou comigo, desde o começo da guerra declarada ao Brasil pelo dictador do Paraguay.

Apenas chegou aqui a noticia dessa declaração, fui procurado pelo nobre ministro que então dirigia a reparação da guerra. Disse-me S. Ex. que, tendo instantemente de organizar o exercito que devia marchar para o Paraguay, via-se embaraçado acerca das providencias que cumpria tomar quanto antes. Comquanto fosse o nobre ex-ministro, como todos reconhecem, um homem de intelligencia, engenheiro abalisado, não tinha contudo pratica de organizações de exercitos; não conhecia o pessoal de nossas forças; não sabia ainda qual o material existente, nem o necessario para a guerra que fomos emprehender; e, pois, exigia de mim que em tudo o coadjuvasse.

Escusado é dizer, Sr. presidente, que puz-me immediatamente á disposição deste nobre ministro que, como o senado já deve saber, era o honrado Sr. Beaurepaire Rohan. Desde esse momento propuz-me coadjuval-o por todos os modos possiveis. S. Ex. pediu-me immediatamente um plano de organização do exercito; dei-lho; pediu-me um plano de campanha; tambem lho dei, como se prova com estes documentos que não leio para não abusar da attenção do senado:

1.^a directoria. — 1.^a secção. — Ministerio dos negocios da guerra, em 20 de Janeiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. — O governo imperial deseja ouvir a opinião de V. Ex. a respeito dos seguintes quesitos:

1.º A que numero de praças das differentes armas deveremos elevar o nosso exercito, em relação á guerra com o Estado do Paraguay?

2.º Quaes os recursos de que devemos lançar mão para que esse exercito se possa organizar com presteza?

3.º Qual o melhor plano de campanha a adoptar-se para assegurar o triumpho de nossas armas?

4.º Se acha conveniente que os corpos que vão chegando das provincias do Norte sigam immediatamente a se reunirem ao exercito em operações, ou se convém antes demoral-os na Côte para serem convenientemente exercitados.

Além destes quesitos, espero que V. Ex. me communicará qualquer idéa sua que possa interessar nossos preparativos de guerra, quer em relação ao ataque, quer em relação á defeza de alguns pontos da nossa fronteira.

Deus guarde a V. Ex.^a — *Henrique Beaurepatre Rohan.* — Sr. marquez de Caxias."

"Cópia. — Illm. e Exm. Sr. — Respondendo aos quesitos, que V. Ex. fez-me a honra de propôr em seu aviso de 20 do corrente, cumpre-me dizer:

Quanto ao 1.^o: E' minha opinião que o nosso exercito deve ser elevado, quanto antes, a 50,000 homens, sendo 35,000 de infantaria, 10,000 de cavallaria e 5,000 de artilharia; devendo-se desta força empregar 45,000, das tres armas, em operações contra o Paraguay, ficando 5,000 como reserva nas provincias de Santa Catharina e Rio de Janeiro.

Quanto ao 2.^o: Parece-me que o mais efficaz e certo é recorrer á guarda nacional de todo o Imperio, tirando della, em proporção de sua força, as praças de pret que forem precisas para completar os corpos de 1.^a linha, que deverão ser elevados ao numero marcado no plano que já tive a honra de remetter a V. Ex.; creando-se, além disso, corpos provisorios de voluntarios da patria da mesma força e organização, nos quaes se poderão admittir officiaes da guarda nacional com excepção dos majores, ajudantes e quartels mestres que deverão ser tirados dos de 1.^a linha, que allí irão servir, por commissão nesses postos, como instructores.

Quanto ao 3.^o: Julgo que convém dividir o exercito em tres columnas, ou corpos de exercito, devendo o principal marchar pelo Passo da Patria no Paraná, pela estrada mais proxima e paralela ao rio Paraguay, com direcção a Humaitá, e dahi a Assumpção. Esta força deverá operar de accordo com a nossa esquadra, que subir o rio Paraguay. Batido Humaitá, nosso exercito deve continuar sua marcha a todo transe até a capital do Paraguay, combinando seus movimentos com as forças de Matto Grosso, as quaes deverão perseguir o inimigo que tiver invadido a provincia, até a linha do Apa, esperando ahí as ordens do general em chefe do exercito do Sul, para, de accordo com elle, descer até onde convier. E a outra columna, que não deverá ser menor de 6,000 homens, marchará por S. Paulo com direcção á provincia de Matto-Grosso, fazendo junção com as forças que já guarnecem aquella provincia, as quaes calculo em 4,000 homens. Esta columna deverá operar por Miranda, com o fim não só de assegurar as cavalladas e gados que existem por esse lado, como para obrigar o inimigo a distrahir forças de sua base de operações, e facilitar assim a entrada do grosso do nosso exercito que deve invadir pelo lado de Humaitá.

Uma outra columna, ou corpo de exercito, deve chamar a attenção do inimigo pelo lado de S. Cosme, Itapúa, ou S. Carlos, para que,

não só não possa elle cortar-nos a retirada pelo Passo da Patria, no caso de revez no Humaitá, como para que não convirja com todas as suas forças sobre esse ponto quando atacado pelo nosso exercito. Este movimento deverá competir ás nossas forças que guarnecem a fronteira de S. Borja e deverão constar, pelo menos, de 10,000 homens das tres armas, e ser bem commandadas.

Quanto ao 4.º. Cumpre-me observar a V. Ex. que estando os corpos muito mal instruidos e precisando de fardamentos, armamentos e equipamentos novos, para poderem entrar em operações de guerra, convirá muito que sejam aqui demorados, emquanto adquirirem a indispensavel instrucção, principalmente os novos recrutas que se lhes forem encorporando, pois que, em operações de campanha, não ha tempo nem meios de poder ensinar paisanos, que, não estando ainda habituados a esses trabalhos, muito o estranharão, e não poderão, talvez, supportar as marchas continuas, e ao mesmo tempo o afadigoso ensino dos primeiros rudimentos militares.

Crelo ter respondido com franqueza aos quesitos que me foram feitos, não me occorrendo, por ora, mais cousa alguma a este respeito, pois que, já em fórma de apontamentos, tive occasião de lembrar a V. Ex. muitas providencias que julguei dever o governo tomar com tempo, afim de poder com vantagem realisar as operações de guerra que projecta contra o Estado do Paraguay.

Tendo ouvido differentes praticos sobre os recursos e melhores estradas para a marcha das forças que devem ir por S. Paulo e Minas, remetto a V. Ex. uma memoria em resumo do que me pareceu melhor, afim de que V. Ex. a tome na consideração que lhe parecer.

Deus guarde a V. Ex. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1865. — Ilm. e Exm. Sr. conselheiro, general Henrique de Beaurepaire Rohan, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra. — (Assignado) *Marquez de Caxias*.

Continuai a auxiliá-lo em outros trabalhos; fui pessoalmente aos arsenaes, ás casas de armas para ver o que era possivel fazer aqui, e necessario encommendar para a Europa. Dissera-me S. Ex. qual era sua intenção a meu respeito. Pretendia propôr-me para commandar o exercito; não dei certeza de que aceitaria esta commissão, mas não me neguei.

Continuaram os preparativos; principiavam a chegar os contingentes do Norte. Um dia em que tinha de embarcar um desses contingentes (parece-me que o primeiro que seguiu para o Paraguay), fui a bordo do vapor, que o tinha de transportar, na qualidade de ajudante de campo de Sua Magestade o Imperador. Ahí estavam reunidos todos os membros do ministerio: Sua Magestade conferenciou com elles e depois desta conferencia o Sr. Rohan se

dirigiu a mim e communicou-me que o governo acabava de resolver que eu partisse immediatamente para o Rio Grande do Sul, onde devia organizar o exercito afim de com elle seguir para o Paraguay. Respondi a S. Ex. (formaes palavras). "Se V. Ex. quer que eu siga neste mesmo vapor, conceda-me duas horas de demora para mandar buscar á casa duas canastras com roupa." Disse-me S. Ex. que não era necessaria tanta precipitação; bastava que eu partisse naquelles oito dias. Retirei-me para minha casa e passaram-se dias sem que eu recebesse o decreto da nomeação.

Conversando depois com o Sr. Rohan, fiz-lhe vêr as necessidades que convinha satisfazer para o bom desempenho de uma commissão em que se achava gravemente compromettida a honra da nação. "Sr. ministro, disse-lhe eu, já duas vezes tenho ido á provincia do Rio Grande do Sul desempenhar commissões semelhantes, quando outra era a minha posição militar e social; fui sempre investido da autoridade, não só de commandante em chefe do exercito, como de presidente, e assim succedeu em todas as quatro provincias em que tive de defender a ordem publica, embora em todas não houvesse a necessidade de exercer as funcções de presidente.

V. Ex. sabe que a força principal do Rio Grande é a guarda nacional, sujeita pela lei ao presidente da provincia, e, pois, indo eu organizar o exercito alli, tinha de lançar mão della, e não o posso fazer sem concessão do presidente. Dahi podem surgir embaraços que sobremaneira difficultem, senão impossibilitem a organização que me cumpre fazer."

S. Ex. immediatamente respondeu-me: "Sobre isto não pôde haver questão; V. Ex. não pôde deixar de ir na dupla qualidade de presidente e commandante em chefe do exercito. Enquanto estiver na provincia exercerá as funcções de presidente, mas logo que retirar-se entrará no exercicio o vice-presidente."

Ficamos nisto; nesta intelligencia separou-se de mim o Sr. Rohan. Mas logo no dia seguinte S. Ex. procurou-me e disse: — "Sr. Marquez, o que assentamos hontem, não pôde ter logar; não sou mais ministro." Pois bem, respondi-lhe, "Se V. Ex. não é mais ministro, minha palavra também está retirada." "Propuz aos meus collegas, continuou o Sr. Rohan, a nomeação de V. Ex. nos termos em que haviamos accordado; todos foram unanimes em que V. Ex. fosse nomeado commandante em chefe, mas não presidente da provincia, porque esta ultima nomeação iria prejudicar a politica do partido.

VOZES: — Oh! oh!

O SR. JOBIM: — Oh! que miseria!

O SR. DUQUE DE CAXIAS. — Não pôde deixar de observar ao Sr. Rohan: "Pois em uma ocasião destas em que a provincia do Rio

Grande está ameaçada de uma invasão, ha quem se lembre de partidos? Crêa V. Ex. que a provincia toda reunida não será demais para resistir, como convém, á invasão dos paraguayos: como, pois, attender em tão graves circumstancias a interesses de partido?"

Separamo-nos, ficando somente de que o Sr. Rohan pediria sua demissão e eu ficaria exonerado de seguir para o Rio-Grande.

Dahi a dous dias appareceu com effeito no "Jornal do Commercio" a noticia de ter sido aceita a demissão pedida pelo Sr. Beau-repaire Rohan.

Para substitull-o no ministerio da guerra, foi nomeado o visconde de Camamú. Esta nomeação importava tornar-me impossivel para a commissão que se pretendia confiar-me, pois era sabido no exercito que o visconde de Camamú era o unico official general do Imperio com quem eu não entretinha relações. A sua nomeação em taes circumstancias me pareceu muito significativa, e, pois, continuel na resolução em que estava de não fazer o sacrificio de partir para o Paraguay, não obstante o meu máo estado de saude. Dias depois, o novo ministro da guerra, para não deixar-me a menor duvida acerca de sua entrada para o ministerio, chamou para o seu gabinete um official-maior da secretaria da guerra que eu havia aposentado, quando fazia parte dos conselhos da Corôa. Despedido por ter sido a aposentadoria decretada contra a sua vontade, escreveu na imprensa uma serie de artigos insultando-me, calumniando-me, bem como ao ministro da guerra dessa época, publicando até segredos da secretaria. Este acto do visconde de Camamú ainda mais me firmou a resolução em que estava.

No dia 14 de Fevereiro de 1865, quando me suppunha, pelo facto da nomeação do successor do Sr. Rohan, dispensado da commissão para que havia sido lembrado, appareceu em minha casa, as 10 horas da manhã, o Sr. presidente do conselho de 31 de Agosto, o nobre senador pelo Maranhão. S. Ex. procurava-me pela primeira vez, pois não tinhamos até então as menores relações, comquanto sempre o respeitasse muito. Disse-me S. Ex.: "Sr. marquez, venho aqui na qualidade de presidente do conselho convidal-o para aceitar o commando em chefe do nosso exercito." Respondi a S. Ex. o que já tinha communicado ao Sr. Rohan, isto é, a resolução que eu havia tomado quando elle se retirou do ministerio. Respondeu-me S. Ex. que sabia das minhas desavenças com o visconde de Camamú, mas não as considerava motivos sufficientes que me impedissem de servir sob suas ordens.

Ora, Sr. presidente, o finado visconde de Camamú era um official que eu nunca desejei ter sob meu commando. Dirigi por differentes vezes o exercito no Sul e no Norte do Imperio, e nunca o quiz ter como meu subordinado: como, pois, nesta occasião e já no ultimo

quartel da vida, havia de ir servir sob suas ordens, quando sabia a má disposição que havia da parte delle para comigo, o que se confirmava pela nomeação do seu official de gabinete? Poderia eu escrever-lhe cartas reservadas para serem depois publicadas? E a força moral de que eu tanto precisava para o bom desempenho de tão importante commissão poderia subsistir, quando meus subordinados sabiam que eu não podia contar com a necessaria confiança do ministro da guerra, pois era notorio no exercito nossas desavenças de multos annos?

Não era possivel, pois, que eu aceitasse o commando que em taes circumstancias me era offerecido. Em vista da minha recusa, S. Ex. formalizando-se, fez-me a seguinte observação: "Atenda que a commissão é militar e que V. Ex., como militar não a pôde recusar." Respondi-lhe com toda a calma: "Sei que sou militar, e que a commissão é militar; mas eu sou militar que goso de immunnidades, das quaes V. Ex. não pôde prescindir. Sou senador do Imperio, e o governo não pôde dispôr de mim sem licença da camara a que pertenço. Procura, portanto, V. Ex. quem vá desempenhar esta commissão, que para mim se tornou impossivel não só pelo máo estado da minha saude, como por falta de accordo com o ministro da guerra."

Retirou-se, então, o nobre ministro, e tomou outra resolução. Nada mais soube das providencias do governo ácerca dos preparativos de guerra, pois nunca fui consultado a tal respeito.

Passaram-se alguns mezes: deixou de existir o ministerio do Sr. Furtado: Sua Magestade resolveu ir fazer uma viagem á provincia do Rio-Grande do Sul, e eu tive ordem para acompanhal-o. Estava então, Sr. presidente, bem doente; levantei-me da cama para cumprir esse dever. Chegando ao Rio-Grande, seguimos para Uruguayana; alli encontrámos já dous generaes estrangeiros e um brasileiro que se disputavam a primazia do commando. Chegando o Imperador resolveu-se que se apertasse o cerco para apressar-se a tomada da praça, e que se dispuzesse o ataque para dahi a alguns dias, fazendo-se antes um reconhecimento. Foram convidados os generaes estrangeiros que nunca tinham pisado aquelle solo, e alguns outros generaes brasileiros; mas eu fui excluido de assistir ao reconhecimento, eu, senhores, que tinha por duas vezes presidido a provincia do Rio-Grande, que outras tantas vezes havia feito a guerra naquellas regiões e, portanto, até estado acampado nesse mesmo lugar e, como presidente, havia multos annos mandado traçar o plano da povoação! Doe-me sobremaneira um tal procedimento; mas resignei-me...

Voltei para o Rio de Janeiro. Mezes depois fui procurado pelo Sr. presidente do conselho, então o Sr. Góes de Vasconcellos. S. Ex. bem, como seu antecessor, não entretinha relações comigo; eu, contudo,

fazia, como ainda hoje faço, bom conceito do seu character. S. Ex., depois que soube do desastre de Curupaity, julgou conveniente entender-se comigo a respeito dos negocios da guerra, tendo sido antes previnido das suas intenções pelo Sr. ministro da justiça, e disse-me que o governo necessitava dos meus serviços no Paraguay; e eu, Sr. presidente, apesar de ter soffrido o que acabei de relatar, não hesitei um momento em pôr-me á sua disposição immediatamente, sem offerecer a menor condição!

O SR. ZACARIAS: — Menos uma.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Sim, uma unica; mas essa era indispensavel. Observei a S. Ex., que aceitava o commando de nossas forças em operações, mas com unica condição; e qual era? A de ter a plena confiança do governo.

O SR. F. OCTAVIANO: — Era uma necessidade.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — Era da essencia da cousa; não era uma condição.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — E cumpre-me dizer, Sr. presidente, que fui tratado pelo ministerio de 3 de Agosto com a maior deferencia possivel. Propuz ao governo algumas duvidas sobre o modo de haver-me ante a autoridade do commandante em chefe dos exercitos alliados, e SS. EEx. me responderam satisfactoriamente a todos os quesitos que formulei.

O SR. ZACARIAS. — Dando instrucções em resposta aos quesitos.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Segui para o Paraguay e fui tomar conta do exercito. Relevo agora fazer algumas observações sobre o estado em que o encontrei. Ao entrar no Rio da Prata, a primeira cousa que chamou minha attenção foram dous hospitaes no Estado Oriental, outros dous em Buenos-Ayres, tres em Corrientes, um no Cerrito, um no Itapirú, outro no Passo da Patria e um ultimo em Tuyuty. Já se vê pelo numero dos hospitaes qual poderia ser o numero dos doentes. Era sem duvida nenhuma a terça parte da força do exercito que se achava fóra das suas fileiras.

O 1.º corpo do exercito occupava a linha de Tuyuty, o 2.º estava em Curuzú: não havia mais que 3.000 cavallos e estes não em muito bom estado; a cavalaria do 2.º corpo estava toda apeada; não havia carros sufficientes para se emprehender qualquer movimento; não havia bois para a condução das carretas. Os dous corpos de exercito eram inteiramente diversos em numero e organização; pareciam pertencer a nações diferentes; taes eram as disparidades que nelles se notavam. Em cada um delles havia uma economia, uma numeração e uma promoção particular. Havia valores diversos para as etapas; em um pagava-se a etapa por um preço, em outro por outro, etc., etc.

Era preciso, portanto, chamar tudo a um centro, fazendo uma nova organização, e para tudo isto é indispensavel o tempo. Fiz a redução dos hospitaes; acabei inteiramente com os de Buenos Ayres e supprimi um em Montevidéo, ficando unicamente os tres de Corrientes. Continuei a desempenhar a commissão de que estava encarregado com toda a boa vontade, zelando quanto era possivel os interesses dos cofres publicos, e cumpro um dever de lealdade declarando que em todo esse trabalho sempre fui perfeita e completamente auxiliado pelo governo de quem recebi as maiores provas de confiança que era possivel receber.

Assim correram as cousas durante os primeiros quatorze mezes. Principiaram depois a apparecer accusações contra a direcção da guerra. Perguntava-se incessantemente: Porque não se ataca Humaitá? Porque não se avança? Para que tantas delongas?

O exercito achava-se no estado já referido. Era necessario organisal-o, disciplinal-o, procurar meios de mobilidade que não havia sufficientes: não obstante, prosseguiam as accusações mais injustas na imprensa, e até na tribuna algumas vezes se erguiam contra o general em chefe. Ora, coincidiam essas accusações com algumas ordens que daqui foram e me pareceram não significar, a mesma consideração com que até ahí havia sido tratado. Minha boa fé suggeriu-me então o receio que o ministerio já não tinha em mim a confiança que até então parecia ter; que algum motivo haveria para suppôr fundadas as accusações, embora injustissimas, que me eram dirigidas.

Julguei que o ministerio, tendo-me confiado o commando de nossas forças no Paraguay, exigindo de mim com instancia o aceitar essa commissão, sentio vexar-me em exonerar-me della, mas que, entretanto, desejaria vêr-se livre de mim por motivos que de todo ignorava, mas que nem porisso deixariam de existir para elle. Nesta persuasão, dirigi uma carta (note-se que já estava doente) dirigi uma carta particular ao Sr. ministro da guerra, em que fazia minhas queixas por essas pequenas cousas que me fizeram desconfiar, e pedia a exoneração do commando. Dizia eu comigo: "se o ministerio não está contente, me demito, mas se estou enganado, se elle está satisfeito com meus serviços, recusa a demissão, e então continuarei a cumprir meu dever enquanto minhas forças o permitirem."

Tal era a minha boa fé que, quando aqui talvez se resolvesse minha demissão, estava em pessoa atacando as obras exteriores de Humaitá, determinando a subida da esquadra, dando assim novo impulso ás operações da guerra. Se eu não fosse, Sr. presidente, como tenho sido sempre, o homem do dever e da lealdade, teria procedido desta maneira?

Não, de certo.

O ministerio recusou a demissão pedida; recebi explicações que satisfizeram completamente e continuei a cumprir meu dever com a mesma dedicação e lealdade. Seguiu-se a marcha do exercito de Pera-Cue para Tebiquary.

O ministerio de 3 de Agosto, por motivo que eu inteiramente ignorava, deixou o poder em 16 de Julho.

Até então sabe o senado a alta consideração com que fui sempre tratado nesta tribuna pelo nobre senador pela provincia da Bahía. Nunca ministro algum me fez os elogios que recebi do nobre ex-presidente do gabinete de 3 de Agosto: mas depois dessa época, S. Ex., não sei porque, declarou-se meu inimigo, procurou por todos os meios mortificar-me, desacreditar-me, assim na tribuna como na imprensa...

Estou tão fatigado, Sr. presidente, que não sei se poderei continuar; entretanto, farei ainda um esforço para dizer mais algumas palavras:

As accusações que dahi por diante me foram dirigidas, já disse, foram respondidas victoriosamente pelos meus generosos amigos; mas como alguns pontos necessitam de mais amplas explicações, pois se baseam em factos de que não podiam ter, como eu, tão cabal conhecimento, julgo conveniente referir-os com todas as circumstancias, para que se restabeleça em tudo a verdade.

Não houve acto por mais insignificante que não fosse considerado grave falta do general em chefe. Accusam-me de ter administrado mal o exercito, de não ter cuidado de sua economia. Disse-se que os presos eram maltratados, metidos no porão de um navio que fazia agua; que não tinham que comer, o rancho não tinha gordura, etc. Sinto, Sr. presidente, que o nobre senador por Goyaz tivesse ido ao Paraguay depois de minha retirada do exercito, e não conhecesse pessoalmente o estado das cousas antes e depois desse tempo, afim de poder comparar as tres phases da guerra. Se podesse fazer essa comparação, se convenceria de que muitas cousas, que teve de censurar, sempre se deram em muito maior escala. Quando cheguei ao exercito qual era o logar que servia de prisão? Encontrei os presos no melo do campo, cercado de sentinellas. Ahi elles não tinham licença para armar barracas, nem para accender fogo; estavam, pois, ao rigor do tempo. Todas as noites de tempestade fugiam aos 10 e 12, e, entretanto, o numero delles não diminuia, porque os pobres soldados que os guardavam eram punidos por essa fuga, ficando em seu logar. Isto continuou por maneira que já não havia officiaes que quizessem encarregar-se desse serviço, preferindo antes ir para os postos mais arriscados da vanguarda. Então julguei conveniente, não só para commodidade dos mesmos presos, como para

segurança delles, tiral-os do logar onde estavam: encarreguel os chefes do estado-maior da esquadra de prepararem um navio com as acomodações necessarias para recebêl-os sob a vigilancia de um official superior. Mandel-lhes um médico, um botica, tudo quanto se julgou preciso. Essa prisão ficou sob a fiscalisação de um dos generaes dos corpos do exercito, que estava mais proximo ao logar onde estacionava a esquadra. Como poderia eu, em pontos tão distantes, fiscalizar esse serviço, e o modo de proceder dos meus subalternos a tal respeito? Era possivel que me separasse da frente do exercito, com o inimigo a vista, entregue a cuidados tão graves, para ir á retaguarda examinar o pontão, revistar a comida e commodidade dos presos, depois de ter já dado todas as providencias para o seu bom tratamento?

Não; não era possivel.

Não duvido que houvesse faltas: mas por ellas não posso ser responsavel. Se S. Ex. podesse comparar o que viu como que se dava antes e aconteceu depois se convenceria que o tratamento dos presos nunca foi melhor do que no tempo de minha administração, e e que um general em chefe não pode ser responsavel por actos de seus subalternos, que nem sempre chegam a seu conhecimento, pois nunca tive uma só representação a tal respeito.

Disse-se tambem que eu tinha mandado dar gratificações arbitrarías aos officiaes do meu estado maior quando me retirei. Senhores, isto é uma accusação inteiramente falsa. O Sr. ministro da guerra mandou saber immediatamente que gratificações tinham sido mandadas dar por mim ao retirar-me do exercito, e eu já li no *Diario Official* a resposta que deu a pagadoria e por ella se vê que nem um vintem mais do que o marcado nas tabellas dos vencimentos dos officiaes eu mandei abonar.

Fui tambem accusado de ter promovido officiaes por actos de bravura em numero superior ao do quadro do exercito. Aqui está uma mappa por onde se vê que em 27 mezes que commandei o exercito, isto é, desde 18 de Novembro de 1866 até Janeiro de 1869, promovi apenas 227 officiaes; e tanto não fui além dos limites do quadro, que o meu successor em 11 mezes pode promover 320, excedendo o quadro em 3 majores apenas. Creio que estes algarismos fallam bem claro e provam cabalmente a falsidade da accusação.

(Apoiados. Muito bem.)

Senhores, fui tambem muito censurado por não ter incluído nas listas que mandel ao Sr. ministro da guerra, para a distribuição da medalha de merito, a dous officiaes reconhecidamente valentes, como são os Srs. conde de Porto Alegre e coronel Tiburcio.

E, pois que trato deste assumpto referirei o occorrido acerca da creação dessa medalha.

Quando tomei conta do commando do exercito, observei para logo os graves inconvenientes originados da pratica adoptada pelo governo de conceder a praças de pret condecorações que lhes davam honras de capitão. Esta pratica era nociva à disciplina. Soldados que se distinguiam por actos de grande coragem, e que nem sempre eram os mais morigerados, quando se viam, por condecorações, equiparados em honras aos seus capitães, desde logo não queriam mais obedecer aos cabos de esquadra, sargentos e até aos officiaes subalternos de suas companhias, se julgavam em tudo iguaes aos seus capitães (apoiados); dahi provieram resultados terriveis: houve até assassinatos de tenentes e capitães. Não queriam sujeitar-se a certos serviços a que eram destinados; queriam que esses serviços recahissem sobre os outros.

Mil outros inconvenientes ainda se deram, que é inutil enumerar. Representei ao governo referindo todos estes inconvenientes, tão fataes à disciplina, e então lembrei-lhe a conveniencia da creação de uma medalha especial de merito, que só significasse a bravura pessoal, sem dar honras militares.

O governo attendeu á minha representação. Recebendo eu o decreto, e depois as medalhas, tive escrupulos de executal-o, distribuindo-as somente áquelles que se distinguissem da data do decreto em diante. Porque, Sr. presidente, nos exercitos em campanha, logo depois dos primeiros combates, crea-se uma aristocracia de valor; e certos officiaes, e mesmo praças de pret adquirem pelos actos de coragem que praticam credito de valentes; todos os outros os reconhecem como taes. Esses bravos dahi em diante continuam a ser olhados com reverencia por seus companheiros, sem que muitas vezes tenham outras occasiões de se distingurem de novo, ao passo que outros officiaes menos conhecidos, tendo o ensejo de praticar actos de valor, receberiam a medalha de bravura, por feitos talvez de menor distincção, e que aos outros não poderia ser dada.

Attendendo a estas considerações, representei de novo ao Sr. ministro da guerra, que foi justamente quem no senado notou aquella falta, sobre a conveniencia de se remunerar com a medalha de merito tambem os serviços anteriores ao decreto que a creou. A decisão foi que o decreto não podia ter efeito retroativo; que essa medalha devia remunerar os actos de valor praticados da data de sua creação em diante, tanto mais que os militares que já se haviam anteriormente distinguido tinham, por isso, recebido outras condecorações.

A vista disto, senhores, reconhecendo os inconvenientes da distribuição de medalhas, absteve-me de a fazer, esperando que o governo reconsiderasse a materia.

Remettendo depois ao actual nobre ministro da guerra as relações dos que julgava no caso de obter a medalha de merito, foi ella distribuida a todos, sem se attender à data dos serviços prestados.

Portanto, já se vê que não tive parte alguma na exclusão desses dous officiaes (apoiados) e que a minha intenção era inteiramente opposta a que elles não fossem contemplados, e não só estes, como muitos outros.

Senhores, uma das accusações que mais mágoa me causou, foi a de minha retirada do exercito sem licença do governo.

Já no senado foram lidas as communicações que recebi do ex-ministro da guerra, o nobre senador pelo Piauhy, as quaes foram ratificadas por um apoiado que nessa occasião deu S. Ex. com todo o cavalheirismo. Essas communicações importavam uma concessão de licença. E', pois, indubitavel que a tinha desde o ministerio anterior.

Assumindo o poder o actual gabinete, e não sabendo se o nobre ministro da guerra estava inteirado do que a este respeito havia occorrido, tornei a pedir licença ao governo para deixar o commando do exercito, no caso de peiorar o meu estado de saude a ponto de inhabilitar-me para o serviço da guerra. O governo não só concedeu-me a licença pedida como nomeou me successor.

Este successor achou-me no exercito e em misero estado de saude. Entreguei-lhe o commando, como consta da ordem do dia de 18 de Janeiro, e parti para Montevidéo, onde encontrando um dos membros do ministerio que seguia para o Rio da Prata em missão especial, delle soube que o governo imperial me havia concedido licença para vir tratar de minha saude no Brasil, senão obtivesse melhoras naquella cidade, e como as não obtivesse retirei-me para esta Côrte.

Accusaram-me tambem de haver-me retirado do exercito, não por doente, apezar de estar plenamente provado o contrario, mas por ter dado a guerra por acabada.

Senhores, nunca dei a guerra por acabada. Apenas manifestei a minha opinião. Depois do que vi, depois do que se passou, eu não podia suppôr que Lopez podesse ainda continual-a do modo como a tinha sustentado até então.

Qual foi o acto que pratiquei, quaes as forças que mandei retirar das posições em que se achavam dando por finda a guerra?

Não ha nenhum.

É certo que os distintos generals os Srs. marquez de Herval e visconde de Itaparica tiveram de ausentar-se; mas quem ignora que se achavam gravemente feridos,

"Velo comigo o chefe do estado-maior." Mas porque? Porque tinha de dar contas ao governo de minha missão, estava gravemente enfermo, nada mais natural do que vir acompanhado do official que melhor podia auxiliar-me no cumprimento daquelle dever, pois se achava ao facto de todos os acontecimentos e podia dar todas as informações que o governo podesse exigir.

O SR. FIRMINO: — Muito bem.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Ainda fui accusado de ter trazido meus ajudantes de ordens. Mas quem eram elles. Dous pertenciam á guarda nacional do Rio Grande do Sul, e estavam ausentes de suas familias desde o principio da guerra, e os outros, que eram de 1ª linha, vieram só acompanhar-me e voltaram immediatamente para seus corpos. O que ha nisto que extranhar? Tanto mais que, como é geralmente sabido, os ajudantes de ordens são considerados como pessoas de familia dos generaes, e sempre delles inseparaveis. Acresce que eu ainda não estava demittido do commando.

Outra accusação: "Ter reduzido os batalhões de voluntários, privando alguns de suas bandeiras." Como havia de proceder depois de batalhas e combates que reduziram alguns corpos a 70 e 80 praças e 2 ou 3 officiaes? Para que serviria um batalhão reduzido a este estado?

Não ha quem desconheça que em taes occasiões é sempre indispensavel a reorganisação dos corpos assim reduzidos. Essa reorganisação era mais uma prova de que eu não considerava a guerra definitivamente acabada, pois nesse caso não haveria necessidade de reorganisar o exercito.

Quanto ás bandeiras, o que havia de fazer? Deixar batalhões com 3 ou 4 bandeiras cada um?

Prohibi, diz-se, aos voluntarios usarem de suas legendas.

Qual a ordem do dia, ou de insinuação alguma nesse sentido? Não as podem apresentar porque nunca existiram.

Senhores, até me accusam de ter lembrado para substituir-me no commando do exercito, o marechal Guilherme Xavier de Souza, considerando-se uma crueldade confiar esta commissão a um general que se achava doente.

Não ha duvida, senhores; quando pedi licença para tratar da minha saude, lembrei a nomeação desse distincto general; mas este não estava com parte de doente, não se levantou da cama para ir tomar o commando do exercito; pelo contrario achava-se desempenhando uma importantissima commissão, qual a de presidente (*apoiado*) e commandante das armas da provincia do Rio Grande do Sul. (*Apoiados*)

Quem podia desempenhar tão importantes commissões não estava no caso de ir commandar o exercito interinamente? De certo que sim.

Responderel agora á pergunta que me dirigiu o nobre senador pela Bahia, sobre o não ter perseguido a Lopez em Lomas Valentinas, e ao pedido que me fez de vingar a memoria do Sr. visconde de Itaparica e salvar a reputação do Sr. marquez do Herval.

Senhores, a minha ordem do dia de 14 de Janeiro perfeitamente me justifica de não haver perseguido a Lopez depois da batalha de 27 de Dezembro, e bem assim resalva a reputação dos dous bravos generaes já indicados. Entretanto, vou satisfazer ao nobre senador.

Quando, resolvi o movimento que levou o exercito a Santo Antonio, ordenei ao general Argollo, depois visconde de Itaparica, logo que pozesse pé em terra, mandasse occupar a ponte de Itororó. S. Ex. seguiu embarcado ás duas horas da noite com a sua vanguarda do ponto em que nos achavamos no Chaco, em direcção a Santo Antonio, e eu com o Sr. general Herval partimos ás duas horas da tarde. Cheguel ao logar do desembarque ás quatro horas da tarde, e apenas avistei aquelle bravo general perguntei-lhe immediatamente:

"Já está occupada a ponte de Itororó?" Respondeu-me: Não ... "Porque? repliquei." Soube então que não era possivel occupar a ponte sem se fazer um reconhecimento, mas que não se tinha desembarcado cavallaria sufficiente para emprehender essa operação. Mandei marchar a pouca cavallaria que havia em terra, addicionando-lhe dous batalhões de infantaria. Quando essa força chegou a seu destino, já achou a ponte occupada pelo inimigo. A posição era terrivel. Ninguem conhecia o terreno; eram 4 para 5 horas da tarde, porisso julguei conveniente não atacar logo. Tinhamos de atravessar expressa matta onde o inimigo podia estar occulto, e ignorava-se até de que força dispunha além da matta. Mandei retroceder essa vanguarda e ordenei o ataque para o dia seguinte.

Senhores, nada mais facil, depois dos factos consummados, e conhecido o terreno, a força e manobra do inimigo, de longe e com toda a coluna e sangue frio, a vista de partes officiaes, criticas e indicar planos mais vantajosos. (*Apoiados*).

O SR. JOBIM: — Não faltam mestres de obra feita.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Mas o mesmo não acontece a quem se acha no theatro das operações, caminhando nas trevas, em paiz inteiramente desconhecido, incado de difficuldades naturaes (*Apoiados*). É preciso que os nobres senadores se convençam que a guerra do Paraguay desde o seu começo, foi feita ás apalpadellas. (*Apoiados*). Não havia mappas do paiz por onde me podesse guiar, nem praticos de confiança. Só se conhecia o terreno que se pisava. Era preciso ir fazendo reconhecimentos e explorações para se poder dar um passo.

No dia seguinte, ao amanhecer, marchámos sobre a ponte. Trouvou-se o combate: nossa vanguarda apoderou-se da artilharia do inimigo, mas teve de retroceder em desordem sobre a testa da columna, depois de ter cahido morto o bravo coronel Fernando Machado. Então soube pelo dito de um paraguayo que pelo nosso flanco esquerdo havia uma vereda que ia sahir á retaguarda da posição occupada pelo inimigo. Ordenei logo, incontinentemente, ao Sr. marquez do Herval que á testa do 3º corpo seguisse por essa vereda, procurando contornar o inimigo, na supposição de que a distancia, segundo informava o pratico, seria de legua e meia. Mas o que aconteceu? O caminho era pessimo e o illustre General teve de percorrer uma curva de tres leguas de extensão. Demorou-se, portanto, e com toda razão, mais tempo do que eu suppunha.

O combate estava engajado, como já disse; a bateria já tinha sido retomada pelo inimigo, que com ella nos fazia grande damno. Forçoso, pois, era continuar o ataque para nos assenhorearmos della. Effectuou-se segunda e terceira carga: foram feridos no seu posto de honra e retiraram-se do combate os Srs. generaes Itaparica e Gurjão; as forças que elles commandavam tornaram a retroceder em debandada, e vieram sobre a testa da columna em que eu me achava. Que fazer? As circumstancias eram criticas. Eu não sabia, nem podia saber onde se achava o Sr. marquez do Herval, nem que obstaculos teria encontrado, nem que demora podia ter. Duas horas já eram passadas; não havia tempo a perder. (*Apoiados*). A desordem da vanguarda podia comunicar-se á força principal; não vacillei um momento; puz me á frente de todas as forças e tomei a posição.

Meia hora depois chegou o Sr. marquez do Herval e deu razões que provaram a absoluta impossibilidade de apresentar-se mais cedo. Justificou-se completamente.

Quanto ao Sr. visconde de Itaparica, torno a dizer e que já consta de ordem do dia. Não mandou fazer o reconhecimento pela razão já indicada.

Não é possível, Sr. presidente, fazer idéia adequada das terrenos do Chaco. Durante o tempo secco, criam uma crosta de tres ou quatro palmos de grossura, que permite a passagem de um ou outro

cavalleiro, de uma ou outra carreta, mas se o transito se amiuda e o trafego augmenta, a terra fende-se e cavallo, cavalleiro, carretas e tudo é absorvido por tremendas insondáveis. Em luta com tantas e tamanhas difficuldades, pisando-se um terreno completamente desconhecido, como se quer exigir impossiveis? Onde está a culpa attribuída aos dous generaes? Póde ser que o meu nobre collega se fosse general e lá estivesse, procedesse de outro modo; eu fiz o que julguei mais acertado.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — O Diario do Exercito disse outra cousa.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — O que é que disse o Diario do Exercito?

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — Tenho-o aqui.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Tambem o tenho.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — V. Ex. refere o reconhecimento de um modo diverso do Diario.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Pois bem; V. Ex. agora julgue como quizer.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — Não; julgo como V. Ex. diz.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — A redacção póde não ser boa, mas o facto é este.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — Julgo pelas palavras de V. Ex.; mas argumentei em boa fé com o Diario do Exercito.

O SR. PRESIDENTE: — Attenção.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Perdôe-me; V. Ex. também me accusou em um de seus discursos de que se nossas tropas não entraram em Humatía, a 16 de Julho, foi porque mandei ordem ao Sr. marquez do Herval para retirar-se, quando já estava dentro de Humaitá. É inexacto; nem dentro de Humaitá esteve nesse dia nenhum dos nossos, nem tal ordem de retirada foi dada; e citou o Diario do Exercito.

O SR. JAGUARIBE: — Apoiado: lembro-me disto.

O SR. SILVEIRA DA MOTTA: — Sim senhor.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Aqui está o Diario do Exercito. O que diz elle? Inteiramente o contrario do que referiu V. Ex. (Lê.)

“Dous ajudantes de campo, foram então enviados pelo visconde do Herval, com pequeno intervallo de tempo um do outro.

“O primeiro participou a S. Ex. que o mesmo general havia já transposto o primeiro fosso, e que o inimigo parecia apresentar pouca resistência.

"A resposta de S. Ex. foi a seguinte: que procedesse como entendesse conveniente, levando a effeito o assalto, se visse probabilidade disto, sem grandes perdas de nossa parte.

"Neste mesmo sentido mandou S. Ex. expedir um telegramma ao general Argollo.

"O segundo ajudante de campo veio pouco depois participar que o mesmo general já se achava proximo á trincheira; que as nossas perdas já se tornaram consideraveis e que ele aguardava a decisão de S. Ex. para, não obstante, avançar ou recuar.

"Mandou-lhe S. Ex. dizer que deixava ao seu juizo resolver o que entendesse mais acertado, e que se precisasse de mais forças, elle marcharia em seu apoio com as da reserva; devendo, outrossim, considerar que em taes occasiões perdia-se ás vezes mais gente retirando do que avançando.

"Nesta occasião, mandou tambem S. Ex. expedir outro telegramma ao general Argollo, determinando-lhe que levasse a effeito o assalto, e fizesse seguir a seu destino a brigada que se tinha mandado embarcar.

"Acabava, porém, esta ordem de ser expedida, quando S. Ex. recebeu aviso de que vinha o visconde do Herval retirando; pelo que mandou immediatamente desfazê-la.

"Este general tinha já soffrido muitas perdas, e vendo que a resistencia do inimigo se tornava tenaz, julgou conveniente contramarchar, uma vez que já havia conseguido o reconhecimento ordenado ..."

Eis o que houve. O Sr. marquez do Herval, cumpriu seu dever, fez e procedeu como entendeu e procedeu bem. Não retirou-se em consequencia de ordem minha; mas usando do arbitrio que eu lhe havia confiado. Esta é a verdade.

Este *Diario* foi publicado no exercito ha dous annos; o Sr. marquez do Herval é um general de pundonor e brio, não deixaria pairar sobre sua honra a menor suspeita; se lhe eu tivesse faltado á justiça, não deixaria de reclamar em tempo. (*Apoiados*). Nunca o fez e antes continuava a conservar comigo as mais intimas relações de amizade.

Passo a outro assumpto. Perguntou-me tambem o nobre senador pela provincia da Bahia, porque não perseguia a Lopez no dia 27 de Dezembro.

Senhores, não perseguia a Lopez por muitas razões: 1ª, porque eu não podia saber por onde Lopez fugiria. O exercito inimigo desfez-se na frente do nosso. Ahi está o depoimento do chefe de estado-maior do exercito paraguayo; é elle quem declara que Lopez se escapara pela

picada do Potreiro Marmoré com 60 cavalleiros. Como o havia de perseguir em uma circunferência de tres leguas que comprehendia a área das operações?

Eu estava em um ponto, Lopez fugiu pelo outro, mettendo-se pela matta; como perseguiu-o? Todavia, nesses logares eu tinha mandado collocar cavallaria, mas elle podia passar pela matta sem que a cavallaria o presentisse. Um grupo de 60 homens em um grande combate passa desapercibido. Além disto, esse grupo internou-se em uma matta que ninguem sabia que dava transito. Tinha de mais á minha retaguarda Angostura, com 15 peças de artilharia e 2.000 homens pouco mais ou menos de guarnição; como havia de entranhar-me com o exercito por esses caminhos desconhecidos? Não era possivel, sobretudo estando em nossa retaguarda Angostura occupada pelo inimigo. Entretanto uma partida teve ordem de explorar a matta e trouxeram della muitos fugitivos. Naquelle occasião ninguem sabia por onde se tinha escapado Lopez; só tres dias depois é que se soube a direcção que elle tinha tomado, quando alguns officiaes, dos 60 cavalleiros que o acompanharam, deixando-o em caminho, se me vieram apresentar, e disseram que Lopez se dirigia para Ascurra; mas eu não podia confiar ainda inteiramente em taes noticias.

Hoje nada é mais facil do que discorrer sobre a maneira de se ter agarrado Lopez (*apoiados*); mas la quem é que sabia onde elle estava, em tão consideravel extensão de terreno occupado pelas forças combatentes?

Depois de tres semanas de continuos combates, em que estado não achariam o exercito, os soldados, os cavallos, munições, e até o próprio armamento?

Não estando concluida a manobra, voltei sobre Angostura, obri-guei essa praça a render-se; não tive mais inimigos a combater. A navegação do rio ficou completamente desembaraçada e franca.

Marchei então para Assumpção onde me constava que havia alli ainda 2.000 homens ás ordens de Caminos.

Cheguei a essa capital no dia 5 de Janeiro, tendo mandado occupal-a no dia 1.º Tres dias depois adoeci gravemente.

Tendo chegado o general que devia substituir-me, entreguei-lhe o commando das forças que alli se achavam.

Entendi que não devia permanecer na Assumpção, porque essa permanencia, além de aggravar o máo estado de minha saude, seria um embaraço para meu successor.

Um general da minha idade e graduação, tendo occupado o logar que occupei, permanecendo na localidade em que está outro, aquelle que o vae substituir interinamente, quem quer que elle seja, este nada

resolve sem que o outro seja ouvido; taes eram meus soffrimentos que não me julgava em circumstancias de dar conselhos: necessariamente minha presença havia de perturbar a marcha do serviço. Assim, julguei que devia retirar-me immediatamente para Montevideo, que era ainda districto do exercito, e ahí aguardar as ultimas ordens do governo. Eu já tinha duas licenças, uma do Sr. Paranaguá e outra do Sr. barão de Muritiba.

Tenho ainda muita cousa a dizer, mas estou tão fatigado...

O SR. MINISTRO DA MARINHA: — Descanse um pouco.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Senhores, ainda direi alguma cousa para esclarecer ao meu collega (o Sr. Silveira Lobo) sobre uma accusação que me dirigiu na melhor boa fé.

Sr. presidente, até se me quiz fazer um crime de haver trazido do Paraguay os animaes de meu uso. Os meus amigos não deram grande apreço a esta accusação; mas nem porisso deixarei de defender-me.

E' verdade que assim pratiquei. Estava no meu direito. Se o nobre senador soubesse isto não me faria a accusação que fez.

Os officiaes montados teem direito á cavalgadura quando encarregados de qualquer commissão. Recebem na pagadoria das tropas o valor dos cavallos e bestas de bagagem.

O SR. SILVEIRA LOBO: — Perdôe-me; não foi pelos animaes, foi pelo transporte ser caro.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Quero apenas explicar o facto; nenhuma animosidade tenho contra o nobre senador, não.

Esses officiaes, como ia dizendo, quando são nomeados para alguma commissão teem direito á cavalgaduras, e as recebem em dinheiro na pagadoria das tropas. Se elles, as quizesem comprar aqui e exigissem do governo o transporte, o governo teria obrigação de lh'o, dar. Mas nunca acontece isto, quando as commissões são para o Sul do Imperio, pois neste caso ninguém compra animaes aqui, todos levam dinheiro e lá o compram. Se o official serve cinco annos na commissão para que foi nomeado, não restitue o valor do cavallo; mas se serve menos tempo, quando volta, a thesouraria lhe desconta no soldo pela 5.^a parte até que pague o valor, pelo qual ainda está responsavel. Por consequencia, se quizer trazer consigo as suas cavalgaduras, o governo tem restricta obrigação de lhes proporcionar transporte, porque ellas não são propriedade do official e sim da nação.

Eu tinha o direito de trazer 6 cavallos e 12 bestas de bagagem; trouxe 3 cavallos e 4 bestas; crelo que não fui além daquillo que podia fazer; e ainda soffro em meu soldo o desconto do valor desses animaes,

por isso que não estive na campanha cinco annos. Acredito que se o nobre senador soubesse destas circumstancias não me faria a accusação que fez.

E isto que pratiquei, praticaram todos os meus antecessores e o meu successor, e ninguém fez a respeito delles o menor reparo; todos os julgaram em seu perfeito direito. O que para elles era licito, permittido expressamente pela lei, praticado por mim foi reputado um crime.

O SR. FIRMINO: — Apolado.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Senhores, ainda ha uma accusação que muito me penalizou, O nobre senador pelo provincia de Goyaz imputou-me um facto de grave negligencia, isto é, não ter mandado recolher as armas dos nossos soldados que morreram ou foram gravemente feridos, e, as deixara, porisso, nos campos da batalha de Lomas Valentinas, proporcionando assim a Lopez o poderoso auxilio de mandar recolher essas armas, com as quaes, depois de derrotado, pôde continuar a guerra contra nós.

Senhores, esta accusação é muito grave; tão grave quanto infundada. Mas, felizmente para minha defeza, está acabada a guerra. Já foi recolhido todo o armamento que havia em poder do inimigo; quantas armas brasileiras se acharam? Resquin no seu depoimento diz que apenas foram encontradas 500 sem declarar a que nacionalidade pertenciam; um boletim do exercito referindo-se ao dito de um passado do inimigo não indicou o numero.

Seria com estas 500 armas que Lopez pôde sustentar a guerra por mais um anno? Não é de suppor.

Procurei depois indagar se algumas armas brasileiras tinham sido encontradas nos últimos despojos do inimigo; escrevi a varios chefes dos mais competentes pedindo informações a este respeito, e elles me responderam que nenhuma arma nossa tinha sido encontrada. Pode haver reputação mais completa de semelhante accusação? Certo que não. Duvida nenhuma pode pairar a este respeito.

Estou intimamente convencido que o meu nobre collega foi illudido pelas informações inexactas que teve, pois, a não ser assim, a não se ter abusado de sua boa fé, era impossivel que dirigisse tão grave accusação contra um general velho, que serve a seu paiz há mais de meio seculo.

Senhores, o senado sabe que não tenho o habito da tribuna.

VOZES: — Tem fallado muito bem.

O SR. DUQUE DE CAXIAS: — Se o meu estado de saude era pessimo ao retirar-me do Paraguay, hoje não está ainda de todo restabelecida. Paro aqui, por ora; se for preciso darei depois outros esclarecimentos. (Muito bem. Perfeitamente).